



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FERNANDA RIBEIRO DE SOUZA

**A RELAÇÃO ENTRE O ESCRAVO LIVRE E A FAMÍLIA SENHORIAL NO
CONTO “ENCHER TEMPO”, MACHADO DE ASSIS**

GUARABIRA – PB

2017

FERNANDA RIBEIRO DE SOUZA

**A RELAÇÃO ENTRE O ESCRAVO LIVRE E A FAMÍLIA SENHORIAL NO
CONTO “ENCHER TEMPO”, MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Maria Suely Costa

GUARABIRA – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719 Souza, Fernanda Ribeiro de
A relação entre o escravo livre e a família senhorial no conto
[manuscrito] / Fernanda Ribeiro de Souza. - 2017.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação: Maria Suely Costa, Departamento de Letras".

1. Machado de Assis. 2. Representação Literária. 3. Escravo
Livre. I. Título.

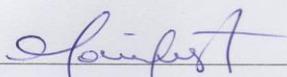
21. ed. CDD B869.3

FERNANDA RIBEIRO DE SOUZA

A RELAÇÃO ENTRE O ESCRAVO LIVRE E A FAMÍLIA SENHORIAL NO CONTO
“ENCHER TEMPO”, MACHADO DE ASSIS

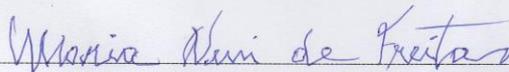
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do Grau de
Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 03/08/2017



Prof.ª. Dr.ª. Maria Suely Costa / UEPB

Orientadora



Prof.ª. Dr.ª. Maria Neni de Freitas / UEPB

Examinadora



Prof.ª. Dr.ª. Rosilda Alves Bezerra / UEPB

Examinador

A RELAÇÃO ENTRE O ESCRAVO LIVRE E A FAMÍLIA SENHORIAL NO CONTO “ENCHER TEMPO”, MACHADO DE ASSIS

SOUZA, Fernanda Ribeiro de¹

RESUMO:

O presente trabalho propõe verificar a representação do negro na condição de escravo livre no conto “Encher tempo”, de Machado de Assis. A leitura tem por foco verificar no estilo machadiano quanto à abordagem do tema da escravidão e a representação da relação dos escravos com seus senhores na obra “Encher tempo”, tendo como objeto de estudo, mais especificamente a construção da personagem negra. Neste sentido, tal personagem é utilizada como subsídio para demonstrar o posicionamento do escritor em relação a escravidão e a liberdade dos negros. A leitura do conto objeto de estudo observa que o autor Machado de Assis não foi omissos no que diz respeito ao tema do negro e da escravidão. Antes disso, ao fazer uso de uma forma marcada pela sutileza, acaba por revelar a opressão sofrida pelos escravos, apresentando assim uma nova perspectiva, um tanto crítica, ao tema.

Palavras-chave: Machado de Assis. Representação. Escravo livre.

¹ Estudante de Graduação em Letras – Português/Licenciatura. Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: nandinha_ribeiro15@hotmail.com

THE RELATION BETWEEN FREE SLAVE AND SEIGNIORIAL FAMILY IN THE TALE "FILLING TIME", BY MACHADO DE ASSIS.

ABSTRACT:

The present work offers to verify the black person's representation in condition of the free slave people, in "Filling Time" tale by *Machado de Assis*. The reading is focused on checking Machadian style as to approach of slavery theme and the representation of relationship between slavers and their bosses in the work "Filling Time", having as study object, more specifically, the construction of black woman character. In this sense, such character is used as subsidy to manifest the position of writer in relation to the enslavement and freedom of blacks. The tale's perusal as object of study notice that the author *Machado de Assis* was not omitted about black's theme and slavery. Instead, by using a subtlety marked form, he reveals the oppression suffered by slavers, presenting therefore a new perspective, somewhat critical, to the theme.

Keywords: *Machado de Assis*. Representation. Free slave people.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a escravidão foi praticada ainda no período colonial, com a produção açucareira iniciada na primeira metade do século XVI, os portugueses começaram a trazer mulheres e homens negros afros que pertenciam as suas colônias africanas, para utilizarem como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Chegando aqui, estes negros eram vendidos como se fossem mercadorias.

O tratamento dado a esses escravos era desumano, trabalhavam intensamente, e como recompensa recebiam roupas velhas e uma má alimentação. Fora os castigos físicos que recebiam, ainda eram proibidos de praticar sua religião, tendo que seguir a que os senhores de engenhos impunham. Foi a partir de 1850, que o Brasil pressionado pelos ingleses aprovou a Lei Eusébio de Queirós que pôs fim ao tráfico negreiro.

E em 28 de Setembro de 1871, foi aprovada a Lei do Ventre Livre que consistia em dar liberdade aos filhos de escravos que nascessem a partir daquela data. No ano de 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia liberdade aos escravos que tivessem mais de 60 anos de idade. E somente no final do século XIX é que a escravidão se tornou proibida mundialmente. No Brasil, a abolição se deu em 13 de maio de 1888, através da promulgação da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel.

E foi em meio a esse contexto, que vários autores trataram em suas obras acerca do tema escravidão. Com o autor Machado de Assis não foi diferente, e neste artigo que tem como finalidade verificar e analisar como a escravidão e o negro livre são retratados em suas obras, utilizando como objeto de estudo para a análise o conto “Encher Tempo” do respectivo autor. A análise de tal conto objetiva apresentar a abordagem do tema da escravidão e do negro livre, tendo como objeto de estudo, mais especificamente, a construção da personagem negra Tia Mônica da referida obra.

A escolha do tema justifica-se, inicialmente, pelas inúmeras acusações sofridas pelo autor Machado de Assis ao longo de sua carreira de “absenteísmo político”, renegação de suas origens étnicas e sua omissão perante os problemas sociais de sua época. Acusações essas que foram contestadas tempos depois a

partir, dos estudos de diversos autores como Magalhães Jr. (1957, 1981), John Gledson (1986, 1991) e Sidney Chalhoub (2003), dentre outros.

Neste sentido, a base teórica que compõem este artigo é composto de leituras críticas sobre a representação da escravidão na obra machadiana, com os estudos de *Memórias Póstumas da escravidão*; de Eduardo de Assis Duarte (2008); *O negro na literatura brasileira*, de Raymond S. Sayers (1958); *Ser escravo no Brasil*, de Kátia de Queirós Mattoso (1988); *Machado de Assis e o século negro*, de Joachim Michael (2008); *Realismo, Ceticismo e Escravidão: o caso Machado de Assis*, de Gustavo Bernardo (2008); *A desconstrução de Estereótipo na obra de Machado de Assis: A questão da Escravidão*, de Eduardo de Faria Coutinho (2008).

1. MACHADO DE ASSIS: O NEGRO E A ESCRAVIDÃO

Machado de Assis é apontado como um dos maiores nomes da literatura nacional, “torna-se o mestre que se equipara aos grandes mestres e, como tal, tem sua obra colocada no panteão dos gênios da literatura de todos os tempos” (DUARTE, 2008). Aclamado por muitos e fortemente criticado por outros, neste último caso, como faz Clóvis Moura em seu *Dicionário da escravidão negra no Brasil* (2004), em que retrata a imagem de Machado de Assis como sendo um escritor omissos.

A omissão a qual críticos acusam o autor Machado de Assis está relacionada com a suposta indiferença perante os problemas sociais de sua época, assim como a ausência dos temas do negro e conseqüentemente da escravidão em suas obras, como enfatiza Proença Filho (1998, p.92):

De minha parte, entendo que a literatura machadiana é indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele. Mesmo os dois contos que envolvem escravos, “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, não se centralizam na questão étnica, mas no problema do egoísmo humano e da tibieza de caráter. Os demais tipos negros ou mestiços participam como figurantes em histórias que, no nível do conteúdo manifesto ou do realismo de detalhe, constituem reflexo da realidade social que pretendem retratar.

Na concepção de Proença Filho, Machado de Assis em suas obras afasta-se do tema do negro e da escravidão, e apenas dedica-se a tratar de outros temas. Tais pensamentos foram construídos com base no modo como o tema do negro e da

escravidão estão abordados na obra machadiana, já que não são temáticas que aparecem de forma “direta” e “explícita”. Assim como observa Duarte (2007, p. 252-3), “na maior parte de sua obra, a crítica anti escravocrata machadiana se dá, em primeiro lugar, de maneira camuflada, submersa e simplesmente marginal ao enredo”.

Duarte (2007) aponta a existência de recursos textuais utilizados por Machado de Assis com o intuito de apresentar em suas obras sua opinião perante a situação em que se encontravam os negros e escravos de sua época. O referido estudioso nomeia esse conjunto de recursos como sendo “*Poética da dissimulação*”:

o tratamento enviesado, indireto; os negaceios verbais e as alfinetadas ligeiras, mas cortantes, o discurso irônico substituindo a fala explícita ou peremptória; o enfoque universalizante de questões nacionais; a paródia de mitos e narrativas fundadoras de hegemonias; o desmascaramento da classe senhorial pela sátira dos detentores do poder; e tudo isto vazado numa linguagem marcada por disfarces de toda ordem, aí incluso o do próprio foco narrativo (DUARTE, 2007, p.272-73)

É dessa forma que as obras machadianas se distanciam do modelo de literatura que vigorava em sua época, que conforme nos assegura Heloisa Toller Gomes (1994) tratava-se de um “abolicionismo benevolente, preconceituoso e arianista, de Alencar, Macedo ou Bernardo Guimarães”. Machado de Assis diferenciava-se então, desses autores, na medida em que resolve adotar uma forma diferente de tratamento para o tema dos negros e da escravidão que ia contra o que vigorava na época o qual era caracterizada por atribuir aos negros qualidades negativas, é o que assinala Duarte (2007, p.252):

(...) os estereótipos do escravo vingativo e assassino, do feiticeiro deformado física e moralmente ou da mucama pervertida que destrói a família do senhor, estão presentes em *Vítimas e algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo; já a mulata assanhada, que seduz e leva o português à perdição, destaca-se nas páginas de *O cortiço*, de Aluizio Azevedo; e o negro de alma branca, reduzido a ‘cão’ fiel ao senhor, ajuda a compor a figura do preto Domingos, personagem de José do Patrocínio em *Mota Coqueiro*. Apesar de condenarem explicitamente a escravidão e de se envolverem na campanha abolicionista, que, inclusive, tem em Patrocínio um de seus líderes, tais autores deixam aflorar em seus textos as marcas discursivas oriundas do pensamento racial hegemônico.

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em contos como “O caso da vara”, “Pai contra mãe” e “Mariana” apresentam a visão machadiana em relação à opressão sofrida pelos escravos. Chalhoub (2003, p. 162-163) a respeito do conto “Mariana” afirma que:

(...) Machado escolheu enfatizar não a ameaça que os escravos representavam para os senhores, mas o sofrimento que os senhores causavam aos escravos. Assim, Mariana emerge como personagem sofrida, dilacerada, porém portadora de cultura, capaz de atos de dignidade e autonomia, algo dramatizado com o suicídio no final. Por um lado, a visão de Machado parece convergir em parte com argumentos dos opositores da lei da reforma servil: a experiência da escravidão não produzia a desumanização radical dos cativos, como argumentavam alguns emancipacionistas. Por outro lado, isso não significava que a escravidão no Brasil era doce, no argumento hilário de vários deputados contrários ao projeto. Machado enfatiza o sofrimento real que a escravidão causava aos escravos, ao mesmo tempo em que reconhecia os fortes interesses sociais a ela associados.

As obras machadianas não se caracterizam apenas em apresentar a relação entre escravos e seus amos de forma dolorosa, em algumas histórias o negro é representado sob uma relação mesmo após a alforria tão próxima com os seus senhores que chega a adquirir laços familiares.

A crítica não conseguia visualizar, talvez, que Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, superasse sua condição de origem humilde, mulato e descendente de escravos e conseguisse ascensão e se tornar aceito na “cidade letrada”. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, filho de um mulato, Francisco José de Assis e uma portuguesa, D. Maria Leopoldina Machado de Assis, ambos de origem humilde, criado no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, aonde nessa mesma cidade veio a falecer em 29 de setembro de 1908.

Por vezes foi considerado como um escritor para brancos, isso se dá pelo fato que no Brasil, no século XIX por volta de 1876, um recenseamento feito mostrava que 84% da população brasileira eram analfabetas e que apenas 16% eram alfabetizados e esses 16% correspondem ao que consideramos atualmente como elite branca.

Dessa forma, Machado de Assis nada mais fazia do que escrever destinado para o público de seu tempo, que naquela época eram os brancos. Estudos sobre a obra do referido autor mostram que este insere o tema do negro em suas obras de uma forma muito sutil e dissimulada, tornando o assunto pouco perceptível. E assim criou-se a ideia de que ele não falava do negro e conseqüentemente da escravidão.

(...) a escravidão existe, na obra de Machado de Assis, independente dos sentimentos. O entusiasmo abolicionista, a piedade com a sorte do escravo, o protesto contra o mau trato, não encontrarão nenhum eco na palavra do escritor, senão em expressões palidamente convencionais. Paira sobre os destinos individuais o tecido de ferro de um sistema, a instituição servil, fixamente enraizada na história, na sociedade e na economia. O arcabouço exterior explica tudo e faz calar a revolta, submersa na ordem social, que a própria poesia incorporou, num e noutro fio mais ardente. (...) (FAORO, 2001, p. 362).

Machado de Assis, ao falar sobre a questão do negro em suas obras, usava de pseudônimo. Segundo Raimundo Magalhães Júnior (1956) e Eduardo de Assis Duarte (2005), Machado de Assis fazia uso de pseudônimos para poder se esconder e assumir a forma de outra pessoa atrás de um disfarce e, dessa maneira, proteger seu anonimato perante a censura. Isso porque o autor precisava se proteger, uma vez que era funcionário público onde ocupava um cargo de confiança, o qual se assemelhava ao trabalho de um militar. Condição que o impedia de atuar abertamente como defensor do fim da escravidão.

Como nunca apoiou a escravidão, mas por motivos particulares não podia demonstrar sua opinião, Machado de Assis utilizou-se da “capa protetora da ironia e de toda uma gíngua verbal destinada a não parecer dizer o que diz” (DUARTE, 2008, p.16) para falar sobre o assunto de uma forma que não ficasse evidente. Assim, ele falava tudo que queria e passava a sensação de não ter falado nada.

Machado de Assis busca representar os escravos como sendo seres humanos injustiçados e vítimas de um sistema opressor. Em algumas obras machadianas – “O caso da vara”, “Pai contra mãe” e “Mariana” - a relação entre o escravo e a família senhorial é retratada de forma evidente. No conto “Encher tempo”, a personagem Tia Mônica, mesmo sendo alforriada, continua a morar junto com o Padre Sá e a sua sobrinha Lulu, da qual Tia Mônica havia sido cativa.

2. O NEGRO LIVRE NO CONTO “ENCHER TEMPO”, DE MACHADO DE ASSIS

O estudo crítico *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* de Raimundo Faoro (1974) recupera o tema da escravidão e o aborda sob dois véus: o primeiro no que diz respeito ao contexto histórico-social do Brasil no século XIX e o segundo referente à análise das obras de Machado de Assis. Faoro destaca que o negro “era a maior riqueza móvel da época na qual se regia, também, a política” (FAORO, 2001, p. 215).

No século XIX, os negros que eram escravos e os já libertos no Brasil conviviam juntos, e se diferenciavam no que diz respeito a:

(..) o liberto adquire a condição, embora mínima e limitada, de transferir os agravos recebidos, as pancadas sofridas, a outrem. A alforria significava uma ascensão social: galgado o primeiro degrau, o homem sai da condição de saco de afrontas, para o qual não há a possibilidade de reação. A liberdade se identifica com o status na sociedade, acrescido do arbítrio de castigar, repreende e punir. O liberto adquire a faculdade de ser mau- faculdade que a escravidão lhe negava (...) (FAORO, 2001, p. 366)

O negro quando alforriado, acreditava está inserido em um novo “status” social, o qual o permitia a adoção de um novo posicionamento, deixando sua condição de submisso ao seu senhor no passado. No conto “Encher Tempo”, do autor machado de Assis, apresenta-se a figura da negra liberta a qual é representada pela personagem Tia Mônica, que mora com os personagens Lulu e o padre Sá:

A tia Mônica, de quem se falou em um dos capítulos anteriores, era uma preta velha, que havia criado a sobrinha do padre e a amava como se fora sua mãe. Era liberta; o padre deu-lhe a liberdade logo que morrera a mãe de Lulu, e Mônica ficou servindo de companheira e protetora da menina, que não tinha outro parente, além do padre e do primo(...) (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 433)

A personagem Tia Mônica no conto representa o papel da ama de leite da personagem Lulu, a mesma dedica sua vida a cuidar de sua sinhá, chegando a abdicar de suas vontades para satisfazer as de Lulu. Tratamento oposto ao que era

recebido pelos filhos das negras na época. Pode-se notar isso na passagem que se segue onde a personagem Lulu fica doente, e Tia Mônica a cuida com desvelos de uma verdadeira mãe.

Lulu nunca adoecera gravemente; ao vê-la naquele estado, a tia Mônica ficou desatinada. Passado o primeiro momento, foi um modelo de paciência, dedicação e amor. Velava as noites junto da cabeceira da doente, e apesar de estar toda entregue aos cuidados de enfermeira ainda lhe sobrava tempo para tratar da direção da casa. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 433)

O conto “Encher Tempo” é uma narrativa pouco conhecida de Machado de Assis, foi publicada pela primeira vez no ano de 1876, no *Jornal das Famílias*. Raymond S. Sayers, faz referência sobre a narrativa em *O negro na literatura brasileira*:

(...) Em “Encher Tempo”, conto de publicação póstuma, Machado de Assis esboça um retrato de uma escrava liberta. Mônica fora mãe adotiva de sua senhora Lulu, e a trata com carinhos, e desvelos que teria para verdadeira filha, chegando mesmo a sacrificar seu conforto e paz de espírito em favor da menina. (SAYERS, 1958, p.397-8).

A narração do conto é realizada na terceira pessoa do singular, sendo o narrador-observador aquele que reproduz as ações a partir do seu ponto de vista, uma vez que, não participa da história. Durante o desenrolar do enredo o narrador apresenta com discrição como se dá o relacionamento dos personagens, em particular as que se estabelece entre o Padre Sá, sua sobrinha Lulu e Tia Mônica.

Tia Mônica é uma negra que conseguiu sua liberdade, porém permanecia a morar com seus ex-senhores, o padre Sá e sua sobrinha, Lulu. Mesmo se tratando de uma personagem secundária, Mônica desempenha importante papel no enredo quando mesmo contra sua vontade acaba ajudando no desfecho do triângulo amoroso constituído entre Lulu, Alexandre e Pedro, é o que pode ser percebido no trecho a seguir o qual Mônica cede mesmo contrariada aos pedidos de sua sinhá:

- Tia Mônica, disse a moça; venho pedir-lhe um grande favor.
- Um favor, nhanhã! Sua preta velha obedecerá ao que lhe mandar.

- Quando meu primo sair daqui com o senhor Pedro você vai acompanhá-los.
- Jesus! Para que?
- Para ouvir o que eles dizem, e ver o que houver entre eles, e gritar por socorro se houver algum perigo.
- Mas...
- Por alma de minha mãe, suplicou Lulu.
- Mas não sei... (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.453).

Tia Mônica, mesmo contrariada atende ao pedido de sua sinhá e segue os dois rapazes:

Tia Mônica vestira à pressa uma mantilha e desceu atrás dos dois rapazes. Ia resmungando, receosa do que fazia ou do que podia acontecer, nada compreendendo daquilo, e entretanto, cheia do desejo de obedecer à vontade de sinhá moça. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.453).

Através do uso da chantagem emocional, a personagem Lulu convence Tia Mônica a fazer o que lhe foi pedido, mesmo que a escrava não concorde. A sutileza, uma das características das obras machadianas é utilizada ao mostrar de uma forma branda a persistência do poder senhorial em relação ao escravo já livre, sendo diferente das formas convencionais existente na época quando se tratava do relacionamento de escravas e suas sinhás, é o que assinala Julio Jose Chiavenato, em *O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai* (1980, p.141-2):

As sinhazinhas também tinham suas negras, onde mais acuradamente que os meninos praticavam seu sadismo, de acordo com as crônicas da época. As senhoras brasileiras, aliás, que revelaram uma crueldade fantástica mandando quebrar dentes, furar olhos, arrancar seios, assar vaginas de negras, tiveram o aprendizado desde o berço, massacrando aos beliscões e mordidas suas negrinhas de brinquedo (...)

A dedicação existente entre a personagem Tia Mônica para com a personagem Lulu, ocorre por ser semelhante a uma relação de mãe e filha, visto que fora Mônica que cuidara de Lulu. Explicando o fato da escrava sempre atender aos pedidos de seus senhores, é o que fica evidente quando a negra retorna depois de ter seguido os dois rapazes a pedido de sua sinhá:

Era uma hora quando o som pausado e seco de uma chinela soou nas pedras da rua. Lulu adivinhou o passo da tia Mônica; (...)

Tia Mônica subiu as escadas, e já achou no patamar a sinhá moça, que a fora esperar ali.

— Então? — perguntou esta.

A resposta da preta foi nenhuma; travou-lhe da mão e encaminhou-se para o quarto da moça.

— Ah! Sinhá Lulu, que noite! Exclamou tia Mônica.

— Mas diga, diga, que aconteceu?

A preta sentou-se com a liberdade de uma pessoa cansada, e velha, e quase mãe daquela filha. Lulu pediu-lhe que dissesse tudo e depressa. Depressa, era exigir muito da pobre Mônica, que além da idade, tinha o sestro de narrar pelo miúdo os incidentes todos de um caso ou de uma aventura, sem excluir as suas próprias reflexões e as circunstâncias mais alheias ao assunto da conversação. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.455)

No trecho “(...) o som pausado e seco de uma chinela”, evidencia que a personagem Tia Mônica é uma senhora de idade, e que a mesma sacrifica de sua saúde para satisfazer os desejos de sua sinhá ao atender mesmo contrariada os pedidos de Lulu, reforçando a relação servil que perdura entre as personagens mesmo com todo caráter familiar que envolve o relacionamento das mesmas e o fato de Mônica ser uma negra liberta, como é mostrando no trecho seguinte, “sentou-se com a liberdade de uma pessoa cansada e velha, e quase mãe daquela filha”. Ficando evidente que a personagem Tia Mônica, continua sendo enxergada como escrava, sua condição de senhora de idade é o que a permitiu sentar-se livremente.

A personagem Tia Mônica, em nada conseguiu descobrir após seguir os jovens Pedro e Alexandre:

Gastou, portanto, a tia Mônica dez compridíssimos minutos em dizer que nada ouvira aos dois rapazes desde que dali saíra; que os acompanhara até ao Largo da Imperatriz e subira com eles até a um terço da ladeira do Livramento, onde morava Alexandre, em cuja casa ambos entraram e se fecharam por dentro. Ali ficou do lado de fora, cerca de meia hora; mas não os vendo sair, perdeu as esperanças e voltou para a Gamboa. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.455)

Percebe-se que Tia Mônica só conseguiu conquistar sua liberdade em idade avançada. Contudo, a liberdade em nada beneficiou os escravos, já que eles continuavam a morar com seus senhores e dessa forma continuavam a serem

tratados de uma maneira servil, é o que Kátia Mattoso ressalta em *Ser escravo no Brasil*:

(...) o comportamento do liberto continua a ser o mesmo do seu irmão escravo; ele ganha dinheiro, suas atitudes se assemelham, na medida do possível, às dos senhores, especialmente face aos próprios escravos. Mas ele continuará a dever obediência, humildade e fidelidade aos poderosos. Entre estes, reencontra seus ex-senhor e todos os que animam uma mentalidade senhorial. Como o irmão escravo, o liberto deverá trabalhar e fazê-lo nos ofícios e serviços reservados aos grupos sociais inferiores. (...) (MATTOSO, 1988, p.206)

A liberdade concedida a Tia Mônica é de certa forma relativa, uma vez que se verifica em alguns trechos do conto que seu relacionamento com seus senhores se mantém de forma servil e que por vezes recebe um mal tratamento, mesmo se sacrificando tanto por todos, como ocorre quando o Padre Sá interroga a personagem Tia Mônica sobre sua saída na noite anterior:

Preferiu repreender a tia Mônica, depois de a interrogar acerca dos sucessos da véspera. A preta negou tudo, e mostrou-se singularmente admirada com a notícia de que ela havia saído de noite; o padre, porém, soube fazê-la confessar tudo, só com o mal que havia em mentir. Nem por isso ficou sabendo muito; repreendeu a preta, e foi dali escrever uma cartinha ao sobrinho. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 458)

O recorte demonstra, então, a submissão e fidelidade apresentada pela personagem Tia Mônica perante sua senhora que, mesmo sendo confrontada pelo Padre de Sá, negou sua saída durante a noite, com o intuito de proteger Lulu.

O Padre Sá estava decidido a resolver o casamento da sua sobrinha Lulu com o primo Alexandre receando que Lulu “não andou em bom caminho”, quando na manhã que seguiu a conversa dos personagens Pedro e Alexandre, recebe a visita inesperada da personagem D. Emiliana, mãe de Pedro.

Daí a meia hora, anunciava-se nada menos que a rotunda pessoa da senhora D. Emiliana, que veio até à Gamboa arrastando a sua paciência e a idade, com grande espanto do Padre Sá que nunca a vira ali; D. Emiliana pediu muitas desculpas ao padre da visita importuna que lhe fazia, pediu notícias da sua obrigação, queixou-se

do calor, beijou três ou quatro vezes a face de Lulu, deitando-lhe duas figas para a livrar do quebranto, e só depois destes prólogos expôs o motivo do passo que acabava de dar. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 458)

D. Emiliana, então, explica o que sucedera ao Padre Sá e a principal interessada da história que era Lulu. Pedro e Alexandre “pediram que interviesse por eles, de maneira que não houvesse demora nem no casamento nem na entrada no seminário” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 458). O que não imaginava o Padre Sá era o que os seus “dois sonhos” - Pedro “tomasse ordens” e que Alexandre se casasse com Lulu - havia pedido para que houvesse a troca entre os dois, “passando o marido a ser padre, e o padre a ser marido”.

O dono da casa deu um pulo na cadeira. D. Emiliana assustou-se vendo o gesto, mas voltou logo os olhos para a moça, cujo olhar, radiante de prazer, mostrou à boa velha a excelente impressão que lhe fazia a notícia. Lulu beijou a mão de D. Emiliana, e este simples gesto revelara ao tio o estado do seu coração. O padre esteve algum tempo calado.

Depois sorriu e disse:

— De maneira que tive a perspicácia de enganar-me até hoje; e ia fazer, sem consciência, um mau padre e um mau marido. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 458)

O desfecho da história se dá então com o casamento da personagem Lulu com Pedro e com a decisão tomada por seu primo Alexandre de seguir a carreira religiosa. Tia Mônica não é citada no final da narrativa, na parte final apenas aparecem os personagens Lulu, Alexandre e Pedro, todos brancos. Percebemos então a maneira marginalizada com a qual o negro escravo é tratado.

(...) o esposo (Pedro) e Padre (Alexandre) foram exemplares; um está cônego; o outro trata de fazer o filho ministro do Estado. É possível que, a fazer as coisas como as queria o Padre Sá, não houvesse nem cônego, nem ministro. Segredo de vocação. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 461).

O narrador ironiza o suposto “final feliz” da trama amorosa que envolvia os personagens Lulu, Pedro e Alexandre, justificando assim o título do conto: “Mas que tem como esta historia o titulo que lhe pus? Tudo; são umas vinte páginas para encher tempo. Em falta de coisa melhor, lê-se isto, e dorme-se” (MACHADO DE ASSIS, 1962, p.461).

“Encher Tempo” não é apenas uma narrativa que apresenta como enredo um triângulo amoroso, é sobretudo, uma narrativa que apresenta uma crítica sobre a suposta relação de familiaridade que apresentava entre os senhores e seus ex-escravos, mostrando também o quão dúbio era o tratamento e a liberdade concedida aos mesmos.

Considerações finais

Com base no exposto pelos estudos sobre a obra de Machado de Assis, e, em específico, sobre o conto objeto de estudo, tem-se uma representação do modo como se efetivava o relacionamento entre os senhores e os negros, ou seja, seus ex-escravos. A trama possibilita afirmar que o conto “Encher Tempo” vai além de uma simples história de amor, apresenta uma relação de servilidade, submissão e fidelidade dos escravos perante seus senhores, mesmo após recebida a alforria.

Machado de Assis se distancia dos demais autores de sua época por retratar o negro de uma forma diferenciada. Enquanto o negro era visto como um objeto de segunda categoria, a obra machadiana tendia a abordar o negro de uma outra forma, mostrando seu sofrimento e a sua nova condição dada de negro livre. Contexto este que acaba por levar o leitor a uma reflexão sobre as reais condições de (não)liberdade do negro. Em seu texto, verifica-se um discurso a mostrar o quanto essa liberdade era contraditória, já que, embora livres, os negros eram sujeitos às mesmas condições de quando eram cativos.

Pelo exposto, quanto ao conto objeto de estudo, verifica-se que este trabalho vem comungar da leitura já apontada sobre a obra machadiana quanto ao tema do negro, observando que o autor Machado de Assis não foi omissivo no que diz respeito ao tema do negro e da escravidão. Antes disso, ao fazer uso de uma forma marcada pela sutileza, acaba por revelar a opressão sofrida pelos escravos, apresentando, assim, uma nova perspectiva, um tanto crítica, ao tema.

Referências

ASSIS, Machado de. **Encher tempo**. In: Histórias românticas. São Paulo: Editora Mérito, 1962, p. 433, 455, 458.

BERNADO, Gustavo, Org.; MICHAEL, Joachim, Org.; SCHÄFFAUER, Markus, Org. **Machado de Assis e a escravidão: Machado de Assis und die sklaverei.**/ Organização de Gustavo Bernardo, Joachim Michael e Markus Schäffauer. – São Paulo: Annablume, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHIAVENATO, Julio José. **O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. p. 133; 138-9; 141-2; 169.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis, afro-descendente**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 08 abr. 2005. Notas de aula.

DUARTE, Eduardo de Assis (Organização, notas e estudo crítico) (**Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo [antologia]**). Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida. (2007)

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4. Ed. Ver. São Paulo; Globo, 2001. P. 215; 351; 366; 365.

GLEDSOON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GOMES, Heloisa Toller. **Marcas da escravidão**. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUERJ, 1994.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Machado de Assis desconhecido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 206.

MOURA, Clóvis (2004). **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP.

PROENÇA FILHO, Domício. **O negro e a literatura brasileira** In: Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 49, n. 1/4, jan./dez. 1988. p. 77-109.

SAYERS, Raymond S. **O negro na literatura brasileira**. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.